



JORNADAS
DE ESTUDOS
CLÁSSICOS E
HUMANÍSTICOS
DE PARINTINS

ANAIS

UEA-UFAM
Latinitates

20, 21 e 22 de outubro de 2022

Weberson Fernandes Grizoste
(Org.)

Anais da III Jornadas de Estudos Clássicos e Humanísticos de Parintins

<http://latinitates.com/>
<https://amazonas.academia.edu/latinitas>
<https://www.facebook.com/latinitates/>
<https://www.youtube.com/latinitates>

Arte da capa: Renner da Silva Carvalho
Diagramação: Weberson Fernandes Grizoste
Revisão: Alexsandro Melo Medeiros

ISBN: 978-65-00-53317-0
ISBN digital: 978-65-00-53319-4

Latinitates – Estudos Clássicos e Humanísticos
Centro de Estudos Superiores de Parintins
Universidade do Estado do Amazonas
Parintins – AM
2022

- G. C. de Melo (1981) **Iniciação à filologia e à linguística portuguesa**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico.
- C. D. de Salces (2016) **História da Língua Portuguesa**. Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.A.
- E. B. Williams (1991) **Do Latim ao Português (Fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa)**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.



ESTUDO LINGÜÍSTICO ACERCA DA CLASSIFICAÇÃO DE ALGUNS MORFEMAS VERBAIS LATINOS

Victor de Lima Serudo [UFAM]

(orientadora) Soraya Paiva Chain [UFAM]

Resumo: *O presente artigo visa discutir, com base em estudos linguísticos, aspectos morfológicos dos verbos latinos nos tempos do infectum, analisando detalhadamente seus constituintes, a fim de apresentar uma outra classificação para alguns constituintes verbais que são classificados, pelas Gramáticas Latinas, de forma que não condiz com os estudos linguísticos modernos. Quanto à metodologia, a pesquisa será desenvolvida com base na Teoria Estruturalista, que coloca o morfema no centro da análise.*

Palavras-chave: Língua latina; Morfologia; Linguística; Estruturalismo.

INTRODUÇÃO

Os verbos latinos são apresentados nas Gramáticas Latinas (GLs) em quatro conjugações, sendo uma delas uma conjugação mista, de acordo com o tema que apresentam. Ou seja, os verbos da primeira conjugação têm tema em *a*, os da segunda conjugação têm tema em *e*, os da terceira são atemáticos, isto é, têm tema em consoante, e os da terceira mista e os da quarta conjugações têm tema em *i*.

Nesse sentido, este artigo está estruturado da seguinte forma: primeiramente, analisamos as Gramáticas Latinas com enfoque nos verbos dos tempos do *infectum* da diátese ativa e a forma como a qual são apresentados nas GLs. Em seguida, apresentamos o embasamento teórico, sob viés do estruturalismo, acerca de alguns

constituintes/morfemas verbais. Por conseguinte, são apresentadas as considerações finais e as referências.

Ressaltamos, ainda, que esta pesquisa está em estado inicial, por isso, não serão apresentadas análises das estruturas morfológicas, nem considerações finais. Logo, pretendemos, com este estudo, apresentar uma discussão linguística acerca da classificação de alguns morfemas verbais latinos, à luz do estruturalismo, que estuda a estrutura e a formação dos vocábulos, colocando os morfemas no centro da análise, para demonstrar todos os morfemas constituintes de cada pessoa/modo-tempo/conjugação dos verbos latinos nos tempos do *infectum*.

APRESENTAÇÃO DOS VERBOS NOS TEMPOS DO INFECTUM COM BASE EM GRAMÁTICAS LATINAS

Os verbos são apresentados em algumas GLs, como a Gramática Básica do Latim, de Oswaldo Furlan e Raulino Bussarello (1997), o Compêndio de Gramática Latina, de Maria Almendra e José Figueiredo (2003), assim como a Gramática Latina, de Antônio Freire (1987), de acordo com o paradigma verbal do qual fazem parte.

Tais verbos são divididos em quatro conjugações, sendo uma delas uma conjugação mista, a saber: os verbos da primeira conjugação, como o verbo *abnego*, *as*, *āre*; os verbos da segunda conjugação, como *fulgeo*, *es*, *ēre*; os verbos da terceira conjugação, como *laccio*, *is*, *ēre*; os da terceira conjugação mista, como *prosilio*, *is*, *ēre*; assim como os verbos da quarta conjugação, como *definio*, *is*, *īre*.

Além disso, os verbos latinos possuem elementos morfológicos que são capazes de expressar número, pessoa, tempo, modo etc. Sendo assim, há desinências que apresentam uma especificidade de tempo (presente, pretérito e futuro) e de modo (indicativo e subjuntivo), sendo estas classificadas como desinências de modo-tempo.

Nesse sentido, utilizamos os verbos *abnegāre*, *fulgēre*, *laccēre*, *prosilēre* e *definīre*, sendo um verbo de cada conjugação, conjugados nos tempos do *infectum*, para exemplificar como as GLs apresentam os constituintes de cada forma verbal.

ESTUDO SOBRE ASPECTOS DA MORFOLOGIA DO VERBO SOB A VISÃO ESTRUTURALISTA

Segundo estabelece Ataliba T. de Castilho (2014, p. 673), o Estruturalismo seria um domínio da linguística cuja análise pode ser feita em vários níveis, como, por exemplo, o nível fonológico, morfológico e o sintático. Tal concepção entende a língua como um fenômeno complexo, organizado por partes, para constituir um todo estruturável. Nesse sentido, o Estruturalismo é: “ramo da linguística interessado na apreensão das estruturas linguísticas a partir do comportamento linguístico observado” (CASTILHO, 2014, p. 673).

Os estudos estruturalistas possuem seu ponto de partida nos postulados do suíço Ferdinand de Saussure que tinha como pressuposto a análise de línguas dentro de um sistema no qual seus elementos são definidos por relações e diferenças entre os constituintes. Conforme apresenta Saussure (2008, p. 142) “as relações e as diferenças entre termos linguísticos se desenvolvem em duas esferas distintas, cada uma das quais é geradora de certa ordem de valores; a oposição entre essas duas ordens faz compreender melhor a natureza de cada uma”.

Sendo assim, o Estruturalismo estabelece uma relação de equivalência na qual seus elementos são analisados de forma isolada mediante a sua estrutura e sua relação entre os termos dispostos. Baseamo-nos nessa concepção para analisarmos as estruturas verbais que demonstraremos no decorrer desta pesquisa.

Estabelecida a noção inicial do que configura o Estruturalismo, passamos à ideia de morfema, ou seja, aquilo que entendemos como a menor unidade significativa e indivisível dentro de uma palavra. Isto é, um morfema é uma “unidade mínima da morfologia” (CASTILHO, 2014, p. 684), que possui um significado específico dentro de qualquer vocábulo.

Como vamos analisar formas verbais, vale aqui falarmos um pouco dos constituintes que poderão aparecer nas formas que iremos trabalhar, como radical, vogal temática, vogal de ligação, desinência modo-temporal e desinência número-pessoal, além da noção de morfema zero.

A estrutura instituída de significado cujos elementos são irreduzíveis denomina-se radical. Conforme apresenta Kehdi (2007, p. 26) “o radical corresponde ao elemento irreduzível e comum às palavras de

uma mesma família”. Dessa forma, compreendemos que o radical é uma parte comum e necessária dentro do verbo. Como observamos nos verbos latinos, cujos radicais apresentados não irão sofrer alterações dentro do paradigma verbal: *abneg-*, *fulg-*, *laccs-*, *prosil-* e *defin-*.

Dentre os constituintes do verbo, encontramos a vogal temática, que é o elemento que pode aparecer imediatamente após o radical dos verbos para a construção de uma base, cujo nome denomina-se tema. A vogal temática estabelece a inserção de determinados morfemas ao radical, como, por exemplo, as desinências modo-temporais. Tais vogais temáticas inserem determinadas conjugações verbais dentro de um paradigma específico.

No latim, as vogais temáticas são: -a-, para verbos de 1ª conjugação; -e-, para os verbos pertencentes a 2ª conjugação; -i-, para os verbos de 3ª (mista) e 4ª conjugações. Os verbos de 3ª conjugação são atemáticos.

Consoante analisamos as estruturas morfológicas, encontramos os morfemas denominados de desinências modo-temporais e desinências número-pessoais. As desinências são morfemas cujas utilizações são indispensáveis para o padrão da língua, já que carregam noções de modo, tempo, número e pessoa, e tais aspectos são de grande importância dentro da estrutura do verbo. No latim, as desinências modo-temporais dos tempos do *inflectum* são, conforme Furlan e Bussarello (1997, p. 57-78), *ba*, *b*, *a*, *e*, e *re* -; e as número-pessoais são *o*, *m*, *s*, *t*, *mus*, *tis* e *nt*, além de *-te*, para a segunda pessoa do plural em verbos no modo imperativo no tempo presente.

Além disso, encontramos o morfema zero para a desinência modo-temporal no tempo Presente do modo Indicativo; e morfema zero para desinência número-pessoal, na segunda pessoa do singular (P2) do presente do imperativo.

Sendo assim, falaremos um pouco sobre um constituinte verbal, que não é morfema, mas que pode se fazer presente na estrutura verbal: a vogal de ligação, que tem o seu uso diretamente ligado à eufonia. Segundo Kehdi (2007, p. 37), esses constituintes, “fonemas de ligação [...] são os que ocorrem no interior do vocábulo, normalmente entre o radical e o sufixo [...]. Sua utilização está, geralmente, ligada à eufonia”. A vogal de ligação irá aparecer dentro do

paradigma verbal latino nos tempos do *infectum*, em algumas conjugações, a depender do tempo, modo e pessoa.

Em algumas formas verbais, quando há uma ausência significativa, representamos esta ausência de um morfe, que apresenta significado, como morfema zero, representado pelo símbolo (Ø). Isso pode ser observado no tempo presente do modo indicativo, em que não são apresentadas desinências modo-temporais. Essa ausência se configura como significativa, sendo representada, em análises morfológicas, por um morfema zero. Além disso, também é atribuída, em análises morfológicas, morfema zero para a desinência número-pessoal da segunda pessoa do singular dos verbos de todas as conjugações no tempo presente do modo imperativo.

Todavia, conforme apresenta Kehdi (2007, p. 24, *grifos do autor*),

Só podemos postular um morfema Ø se três condições forem satisfeitas: 1) é preciso que o morfema Ø corresponda a um espaço vazio; 2) esse espaço vazio deve opor-se a um ou mais seguimentos (no par utilizado, o Ø de *falava* contrapõe-se ao *-mos* de *falávamos*); 3) a noção expressa pelo morfema Ø deve ser inerente à classe gramatical do vocábulo examinado. Em nosso exemplo, as noções de número e pessoa existem obrigatoriamente em qualquer forma verbal portuguesa.

Sendo assim, o espaço vazio apresentado anteriormente caracteriza-se como uma ausência significativa, pois se opõe a outro seguimento dentro do paradigma verbal analisado. Satisfazendo, assim, as condições apresentadas por Kehdi (2007, p. 24) para a presença do morfema zero na análise morfológica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- M. A. Almendra, J. N. de Figueiredo (2003) **Compêndio de gramática latina**. Portugal: Porto Editora.
- A. T. de Castilho (2014) **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto.
- S. P. Chain (2018), «Uma proposta de classificação dos constituintes morfológicos que compõem os substantivos latinos», **Revista DLCV – Língua, Linguística & Literatura** 2 207-230.

- A. Freire (1987) **Gramática latina**. Braga: Livraria Apostolado da Imprensa.
- O. A. Furlan, R. Bussarello (1997) **Gramática básica do latim**. Florianópolis: Ed. da UFSC.
- V. Kehdi (2007) **Morfemas do Português**. São Paulo: Ática.
- J. L. Monteiro (2002) **Morfologia Portuguesa**. Campinas: Pontes.
- M. C. Rosa (2019) **Introdução à morfologia**. São Paulo: Contexto.
- F. de Saussure (2008) **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix.



O ENSINO DE LATIM EM PARINTINS: NOVAS PERSPECTIVAS

Weberson Fernandes Grizoste [CESP-UEA]

Ana Paula de Sousa Abecassis [CESP-UEA]

Resumo: *Considerando a importância do estudo de línguas clássicas para a formação de professores de Língua Portuguesa e o panorama histórico e atual do Latim no Brasil, este artigo discute as novas perspectivas para o ensino desta língua na cidade de Parintins, com destaque à criação de um novo manual e à nova metodologia que serão utilizados em aula, buscando um maior envolvimento do estudante de Letras no processo de aprendizagem do Latim através do uso de textos e elementos lexicais contextualizados às peculiaridades sociais e culturais da região parintinense.*

Palavras-chave: ensino, método, latim, professor, português.

O latim está na gênese de todas as línguas românicas. Williams (1961, pg. 15) destacou que, enquanto o latim clássico tornou-se cada vez mais uniforme sob influência da cultura e do aprendizado, o latim vulgar se tornou cada vez mais diversificado na medida em que se disseminou pela vasta expansão do Império Romano. Assim, à medida que o latim clássico avançou a tornar-se uma língua morta, o latim vulgar desenvolveu-se nas chamadas línguas românicas ou neolatinas. Logo o estudo do Latim vulgar é essencial no processo de compreensão plena das estruturas das línguas modernas, e, portanto, uma disciplina imperativa na formação de professores de Língua Portuguesa. Apesar disso, durante um longo tempo viveu-se, nas palavras de Melo (2013, pg. 32), um “declínio da disciplina de Língua